

NOTA: A influência dos processos contemporâneos na alimentação: uma proposta de reflexão

Elvis Albert Robe Wandscheer

Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.
e-mail: elvishz@yahoo.com.br

Carlos Alberto da Rosa Maciel

Mestrando em Extensão Rural na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.
e-mail: carlosutm12@hotmail.com

Anderson Souto Neves

Geógrafo e graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.
e-mail: andersonsneves@hotmail.com

Resumo

A revolução tecnológica e social que vivenciamos no final do século XX foi o prelúdio da atual fase da globalização. As contradições presentes na globalização se expressam enfaticamente no espaço geográfico e nas diversas dimensões as quais o processo engloba: socioeconômico, político e cultural. Após a quebra da União Soviética, a sociedade de consumo no arquétipo Norte Americano é exportada para as diversas partes do globo. Um consumismo predatório que se perpetua no espaço acentuando, em diversas regiões, a segregação social inerente ao acúmulo de riquezas. A alimentação também sofre com as contradições inerentes do processo de globalização. Nesse sentido, presenciamos a proliferação de redes de “fast foods” com seus alimentos débeis em proteínas, mas agregados de apelos simbólicos midiáticos. É sobre esse tema que o presente texto pretende discernir uma reflexão sobre a transformação dos hábitos alimentares na sociedade contemporânea. Para isso analisaremos os filmes “Adeus Lênin” e “Super Size me”, contextualizando suas problemáticas no intuito de promover uma reflexão crítica sobre a questão da alimentação na sociedade impregnada pelo consumo.

Palavras-chave: alimentação, sociedade de consumo, globalização, hábitos alimentares, revolução tecnológica e social.

Resumen

La influencia de los procesos actuales en los alimentos: una propuesta de reflexión

La revolución tecnológica y social que experimentamos en fines del siglo XX ha sido preludio del estadio actual de la globalización. Las contradicciones existentes en la globalización se expresan, con énfasis, en el espacio geográfico y en las diferentes dimensiones que ese proceso abarca, como la socioeconómica, la política y la cultural. Después de la caída de la Unión Soviética, la sociedad de consumo, en el arquetipo norteamericano, es exportada para diversas partes del mundo. Un consumismo inmoderado que se establece en el espacio, profundizando, en diferentes regiones, la segregación social inherente a la acumulación de riquezas. La alimentación, a su vez, también sufre con las contradicciones inherentes al proceso de globalización. Así, observamos la proliferación de establecimientos “fast foods”, con alimentos de baja calidad en proteínas, pero involucrada de grande

apelación simbólica a través de la mass media. Acerca de ese tema, este trabajo se propone a hacer una reflexión sobre la transformación de los hábitos alimenticios en la sociedad contemporánea. Para ello, analizaremos las películas, “*Good bye Lenin*” y “*Super Size me*”, contextualizando sus problemáticas con la intención de suscitar una reflexión crítica sobre la cuestión de la alimentación en la sociedad infundida de consumo inconsecuente.

Palabras-claves: alimentación, sociedad de consumo, globalización, hábitos alimenticios, revolución tecnológica y social.

Abstract

The influence of contemporary processes in food: a proposal for reflection

The technological and social revolution experienced in the late twentieth century was the prelude to the current phase of globalization. The existing contradictions in globalization strongly expressed in the formation of geographic space and in different socioeconomic, political and cultural dimensions this process involves. After the fall of the Soviet Union, the consumer society in North America was reinforced as the archetype social formation exported to several parts of the globe. A predatory consumerism perpetuates itself in several regions accentuating the social segregation inherent in the accumulation of wealth. Important consequences of these developments are apparent in the agri-food system, as food suffers from the inherent contradictions of the globalization process. An example is the proliferation of "fast food" eateries with their unhealthy, protein-weak foods made symbolically appealing by a terrible propaganda machine. This paper explores the theme of the transformation of dietary habits in contemporary society analyzing the films “*Goodbye Lenin*” and “*Super-size me*”. We intend to contribute to the promotion of critical reflection on the issue of food in globalized societies impregnated by reckless consumption.

Keywords: food, consume society, globalization, dietary habits, technological and social revolution.

Introdução

Depois da queda do Muro de Berlin, a arrogância dos USA, em sua crença de que uniram o mundo todo numa grande “macdonaldização” da vida caiu por terra... O *american way* esbarrou nas diferenças culturais, na inércia da miséria, na solidez das superstições, na tradição teocrática de tantas culturas, no ódio racial entre balcânicos, na infinita fragmentação do mundo... O que morreu não foi o socialismo nem o hippismo; o que morreu foi a racionalidade de planejamento. O paradoxo é que o mundo se globaliza em economia, mas se “balcaniza” em ilhas culturais e psicológicas... (Jabor, 2004, p. 88).

É deste modo que vemos as recentes manifestações da Globalização se materializando. É explicitamente nesse rumo que os agentes da globalização vêm atuando nas diversas esferas das mais distintas sociedades planetárias, essas revelações desvelam-se, por vezes, em incorporações de hábitos e costumes, outrora através de ações de ódio ou repulsa. Porém, o fato é que o *american way* está presente em nossas vidas, muitas vezes a contragosto, a própria acepção negativa dos indivíduos diante da realidade - sejam em grandiosos protestos ou através de um simples boicote individual - já demonstra sua existência, insistência e expansão de uma “filosofia” que busca subjugar espaços e hábitos nos quatro cantos do mundo.

Algumas acepções acerca desse fenômeno referem-se a seu curso em suas várias faces desumanas, outras tantas ampliam o leque dos contornos dessas para as facetas de

sua atuação amena, superficial e gloriosa enquanto elo entre as populações e a difusão de tecnologias, dados, informações e idéias passadas pela mídia. Pois, seria essa a nova “cara” do mundo, um mundo cada vez mais instantâneo, dinâmico, onde a velocidade dita o tempo e o tempo determina o dia-a-dia, alterando o próprio cotidiano das pessoas e sua concepção de espaço. Como salienta Giddens (1991),

A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. (GIDDENS, 1991, p.69).

Nesse sentido, Ianni (1995) ressalta o surgimento de diversas metáforas para denominar esse processo, entre elas a da “aldeia global”, “fabrica global”, “nave espacial” e diversas outras que procuram refletir sobre a complexa mistura de processos contraditórios que se manifestam em distintas dimensões da sociedade. Harvey (2007) destaca que vivenciamos uma verdadeira compreensão do tempo e do espaço que gera novas formas de interação social, inexistentes em períodos anteriores.

As técnicas desenvolvidas ao longo do século XX foram fundamentais para a configuração dessa nova etapa do processo de globalização. O advento das novas tecnologias de comunicação foi marco para a configuração das novas formas de interações no tempo e espaço, espacializando o meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2008) de maneira distinta e desigual. Devemos destacar a existência de uma imensa segregação entre regiões e territórios onde a desigualdade social se manifesta, expondo as contradições inerentes ao processo de globalização. É manifesta a contradição inerente da globalização que acaba condicionando imobilismos de diversos atores sociais e regiões, sendo que simultaneamente proporciona vantagens cumulativas a um número reduzido de atores que compõem as estruturas dominantes do poder, seja ele o Estado, turistas abastados ou acionistas e/ou representantes de grandes transnacionais; sendo que esses últimos acumulam um montante significativo de capital explorando diversos setores da economia, entre eles o alimentício. Como salienta Santos (2002, p. 80): “[...] na realidade, as relações chamadas globais são reservadas a um pequeno número de agentes, os grandes bancos e empresas transnacionais, alguns Estados, as grandes organizações internacionais.” O sistema capitalista interage eficazmente a essa nova realidade, alimentando a discrepância social existente nos diversos territórios. Santos (2006, p. 23) destaca: “A globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista”. Essa internacionalização do mundo capitalista é a espinha dorsal do processo que se manifesta, principalmente, através da sociedade de consumo emergente. O rompimento com as relações tradicionais de consumo é o testemunho desta alteração, “[...] a promessa e a esperança de satisfação precedem a necessidade que se promete satisfazer e serão sempre mais intensas e atraentes que as necessidades efetivas.” (BAUMAN, 1999, p. 90). O consumo impõe seus valores através de uma simbologia manifestada, principalmente, através dos produtos e mercadorias cunhadas para alimentar uma falsa sensação de necessidade, essa passageira e descartável. Após a satisfação do fetiche consumista, quase imediatamente após sua aquisição, um novo produto estará à espera, com apelo comercial que preenchem nossos sentidos tão eficazmente quanto os aliena. Ingressamos em um círculo vicioso que dificilmente conseguimos nos desprender devido à perícia extrema de múltiplos profissionais. De acordo com Bauman (1999, p. 90), “a cultura da sociedade de consumo envolve, sobretudo o esquecimento, não o aprendizado”. Santos (2007) ressalta que o poder do consumo é contagiante, atingindo as mais diversas classes e atores, sendo esses rotulados de alienados se não compactuam com as “regras” impostas por essa sociedade. O autor destaca ainda:

Neste mundo globalizado, a competitividade, o consumo, a confusão dos espíritos constituem baluartes do presente estado de coisas. A competitividade comanda nossas formas de ação. O consumo comanda

nossas formas de inação. E a confusão dos espíritos impede o nosso entendimento do mundo, do país, do lugar, da sociedade e de cada um de nós mesmos. (SANTOS, 2006, p. 46).

Essas questões avançam e são orientadas em virtude do fato de nenhum elemento evoluir isoladamente, nem tampouco ser capaz de se transformar sem arrastar os demais no seu movimento. O problema, portanto, não é o da evolução particular de um único elemento, mas, sim, a própria a evolução global, tal qual ela está dada. Desse modo, ao vislumbrarmos os atuais parâmetros capitalistas, temos de vislumbrar esses elementos intrínsecos ao próprio sistema. (SANTOS, 2003).

Não obstante, o que objetiva-se nessa abordagem é focar especificamente como vem sendo alterada a questão do alimento através da inserção de novas dietas, de novos nutrientes ou, até mesmo, a falta deles nas distintas sociedades, bem como o “ritual” na qual consiste o alimentar-se. Essa, ao fazer-se, procurar-se-á não fazê-la por si só, mas enquanto elo divergente, desarmônico entre a cultura local e a cultura imperialista, propondo ponderar algumas questões acerca de paradigmas e idéias, imaginário e alento social, estruturas que calcam a sociedade como um todo.

O comportamento relativo à comida liga-se diretamente ao sentido de nós mesmos e à nossa identidade social, e isso parece valer para todos os seres humanos. Reagimos aos hábitos alimentares de outras pessoas, quem quer que sejam elas, da mesma forma que elas reagem aos nossos [...] Como precisamos comer para viver, nenhum outro comportamento não automático se liga de modo tão íntimo à nossa sobrevivência. Devemos comer todos os dias, durante toda nossa vida; crescemos em lugares específicos, cercados também de pessoas com hábitos e crenças particulares. Portanto, o que aprendemos sobre comida está inserido em um corpo substantivo de materiais culturais historicamente derivados. A comida e o comer assumem, assim, uma posição central no aprendizado social por sua natureza vital e essencial, embora rotineira. O comportamento relativo à comida revela repetidamente a cultura em que cada um está inserido. (MINTZ, 2001).

Logicamente, a abordagem fica um tanto quanto limitada no que tange a precisão de suas manifestações, sendo capaz apenas, ao menos num primeiro momento, de minimamente apontar algumas importantes reflexões que não têm a pretensão de serem estáticas em seus apontamentos, mas dinâmicos em seu diagnóstico.

Para tanto, busca-se efetuar um paralelo entre os filmes “Super Size me: A dieta do palhaço” e “Adeus, Lênin”; nas quais, mesmo se tratando de realidades e locais distintos, ambos encontram elementos culturais marcantes que repousam sobre o fator alimentação. Com isso, os novos hábitos das novas sociedades “globalizadas” têm confrontado novos modelos alimentares com as dietas típicas, buscando eliminá-las ou, ao menos, infiltrarem-se no cardápio, na cultura das distintas sociedades de norte a sul. Assim, enterram a anterior divisão do mundo em capitalista e socialista para, agora, buscar uniformizar as tão desiguais sociedades desenvolvidas e subdesenvolvidas em torno do *fast-food* e da correria frenética do cotidiano da nossa atualidade marcada pela vivência do período técnico-científico-informacional. Conforme Santos (2003): o período técnico-científico-informacional é a expressão geográfica da globalização. O território ganha novos conteúdos e impõe novos comportamentos, tendo enormes possibilidades de produção, sobretudo, dos insumos dos produtos, do dinheiro, das idéias e informações, das ordens e dos homens. É a irradiação do meio técnico-científico-informacional que se instala sobre o território.

Nesse sentido, tem-se a necessidade de fazer uma análise em relação ao elo entre o que se poderia caracterizar como uma “identidade social”, dada pela alimentação e a identidade cultural, e a “nova identidade social”, originada pelos processos globalizantes de consumo. Segundo Contreras & Gracia (2004, p. 215):

Las prácticas alimentarias son primordiales em el establecimiento y mantenimiento de la sociabilidad humana, em el intercambio personal y em la reciprocidad... Han servido, históricamente, para marcar las diferencias étnicas y sociales em la medida em que constituyen uma via para clasificar y jerarquizar a las personas y a los grupos, así como para manifestar las formas de entender el mundo. Como ya se há dicho, somos lo que comemos.

É destarte que segue a presente abordagem na acepção de fomentar o debate acerca da concepção de todos os fatores que norteiam os itens acima abordados, perseguindo-os ao longo do filme e em suas “entrelinhas”, nas quais se pode perceber e calcar nas mesmas a infeliz realidade que se abate sobre distintos espaços, fazendo-se vigente, se não em todo, mas ao menos, em boa parte de sociedades nos mais diversos continentes.

Adeus, Lênin

O filme aborda o Outubro de 1989 na Alemanha Oriental, na qual a senhora Christiane, mãe de dois filhos, entra em coma. Até então, essa senhora era uma grande devota dos ideais de Lênin e uma seguidora fervorosa do socialismo, além de uma defensora da ditadura do proletariado. Porém, oito meses após o acidente ela desperta do seu estado de coma.

Ao despertar, a Alemanha Oriental já não é mais a mesma, ocorrera neste intervalo uma mudança incisiva e, com certeza, drástica a todo socialista utópico, tal qual se constituía a alemã Christiane. Fora a queda do muro de Berlim e a consequente unificação da Alemanha oriental e ocidental num único regime, rompimento simbólico que marca o fim da Guerra Fria e, a partir de então, inicia-se o processo globalizante em todo o mundo em um ritmo acelerado. Os símbolos desse processo estão representados pelas multinacionais Coca-Cola e o MacDonal’d’s. Também, a bancarrota da inserção, penetração de novos hábitos nas mais distintas culturas, denotando, portanto, o quão importante é o alimento e o que ele representa a todo e qualquer país em sua identidade cultural e em sua soberania.

Alimentação e globalização, à primeira vista, eram termos irreconciliáveis. De fato, o preparo dos alimentos de um determinado modo, a cozinha, contribuem para a afirmação da identidade étnica/nacional... Estudos de migração mostram que imigrantes e minorias étnicas tentam manter seus hábitos culinários mesmo diante de fortes pressões externas... Para os estruturalistas, a cozinha é uma linguagem através da qual uma sociedade expressa suas estruturas mais inconscientes. (RIAL, 1995, p. 5 - 6).

Ainda nessa pauta, mas considerando-se o evento do encerramento da Guerra Fria em seu sentido formal, que tão logo proporcionou o final da bipolaridade mundial e levou o mundo à inauguração de uma nova era (VIZENTINI, 1999), pode-se visualizar que a alimentação constituiu muito mais que um mero simbolismo, mas a mudança completa de hábitos, costumes, ações; enfim, de todo um ritual e concepção existente quanto a própria identidade de um povo. Pode-se efetuar um paralelo entre a inserção do *fast-food* na agora Moscou capitalista e a Alemanha unificada sob um mesmo sistema planetário, ou seja, o capitalismo.

Nada foi mais eloqüente da derrota do sistema soviético do que a implantação de um dos seus restaurantes em pleno coração de Moscou, a alguns passos do túmulo de Lênin. Inúmeros artigos de jornais e revistas em todo o mundo se referiram à inauguração desse restaurante, como uma espécie, me permito o anacronismo, de tomada da Bastille perpetrada contra o comunismo mundial. (RIAL, 1995, p. 8).

A questão do rompimento da própria acepção cultural fomentada pelo filme “Adeus, Lênin”, esse choque é desenvolvido ao longo da evolução do filme com uma clareza para quanto significou e quais foram os impactos ocasionados por essa mudança de regime na Alemanha Oriental. Através da complicação que a senhora Christiane teve após o acidente, ela passa a ser uma potencial vítima dessa nova situação nacional, de ingresso de novos hábitos alimentares e, portanto, de uma nova “roupagem cultural”, uma vez que a mesma pode ter um enfarte a qualquer momento e não poderia sofrer quaisquer tipos de emoções fortes. Que dirá vislumbrar a agora ação estatal em prol da economia capitalista de forma intensa e essencial, intervindo nas próprias relações sociais, sobretudo, no tema que está em foco aqui, ou seja, a questão alimentar (VESENTINI, 1990).

Na continuação do enredo do filme, a partir dessa problemática, os filhos Alex e Ariane tentam evitar a tragédia que se anunciara, manter o comunismo funcionando sob a farsa da alteração de alimentos do regime socialista, fazendo uso de embalagens antigas, ou seja, maquiando o novo produto agora pertencente à iniciativa privada e, não raro, oriundo de importações ou pertencentes a multinacionais que se instalam no território. Assim, o lar da família vira um “museu” de raridades do antigo sistema socialista.

Esses fatos denotam a rápida homogeneização alimentar, infiltrando-se através de mercados e restaurantes, levando consigo a cultura e os ideários norte-americanos, perfazendo um processo de standardização alimentar que impelem-se até as últimas consequências (RIAL, 1995).

Outros antigos colegas de Christiane, boa parte nostálgicos do socialismo utópico, acabam também participando da farsa. Um dos episódios mais engraçados apresenta a colocação de um imenso *outdoor* da Coca-Cola no prédio em frente ao de Christiane, fazendo menção, portanto, a um dos fatores mais importantes da “invasão” efetuada nos territórios via alimentação.

[...] códigos culturais são veiculados pelos meios de comunicação de massa, em um complexo processo de socialização para o consumo que caracteriza a cultura contemporânea [...] As razões pelas quais somos levados a comprar produtos, desejar marcas, freqüentar shoppings ou escolher determinados serviços, passando uma boa parte de nosso cotidiano envolvidos com as experiências de consumo, são um grande mistério. Existe todo um repertório de saberes e práticas envolvidos com a busca para descobrir o segredo Quem dá as regras do jogo? A vontade de desvendar estes mistérios é grande. Pesquisar para conhecer *segredos* de consumidores, é parte dos esforços para solucionar problemas de vendas, marcas e empresas, pois saber o *segredo* pode significar a diferença entre sucesso e fracasso de produtos e serviços [...] Conhecer o significado do fenômeno do consumo passa pelo exame profundo de sua relação com a cultura [...] Para entender o consumo é preciso conhecer como a cultura constrói esta experiência na vida cotidiana, como atuam os códigos culturais que dão coerência às práticas e como, através do consumo, classificamos objetos e pessoas, elaboramos semelhanças e diferenças. E assim ver que os motivos que governam nossas escolhas entre lojas e *shoppings*, marcas e grifes, estilos e gostos. (ROCHA, 2000, p. 18-19).

Enfim, nesses novos “contornos” que a agora sociedade alemã adquiriu, a definição de Fireman (2004) encaixa perfeitamente com o que o filme propôs-se a apresentar e transmitir, a de que a sustentação de um universo inteiro é complicado e o bom filho precisa fazer com que as mudanças na Alemanha aconteçam aos poucos. De modo lento, a história da Alemanha é recriada perfeitamente, tendo mudanças que abraça exilados e multinacionais e torna o mundo dos sonhos passados de sua mãe possível (FIREMANN, 2007). Assim como as diversas sociedades no pós-Guerra Fria que reconstruiu os próprios hábitos alimentares tão característicos em torno dos novos “pilares” da sociedade global.

Esses elementos de “Adeus, Lênin”, os quais se buscaram aqui elucidar enfatizando-se enquanto mudança cultural na agora Alemanha Oriental e o quão difícil fora perpetuar, mesmo que por alguns meses, a continuidade de um padrão, um modelo alimentar agora

transformado. Esse exemplo, logicamente dadas suas proporções, possivelmente caiba a todos nós, sociedades transformadas pela distribuição de mais de 13 mil restaurantes MacDonald's e incrustados de Coca-Cola em nosso cotidiano. No entanto, essa fora uma mudança lenta e contínua, circundada por muitos anúncios. Com isso, fizeram desses alimentos hábitos novos e manifestações que se agregaram aos já existentes, efetivados e perpetuados pela identidade do povo. O resultado? Uma mudança assombrosa em todo âmago da sociedade, desde a esfera produtiva até o final da cadeia, aquilo que é visível: o consumo.

A exportação dos pontos de venda, além dos hábitos locais, implicaram em mudanças a nível da agricultura e da pecuária desses países [...] Para conservar a unidade dos diferentes restaurantes, ou seja, obter um mesmo sabor e uma mesma aparência externa nos itens oferecidos, as empresas de fast-food homogeneizaram num primeiro momento, portanto, a qualidade da matéria prima empregada e, em seguida, os fornecedores eles mesmos. Isso resultou em uma vasta uniformização das culturas agrícolas e da criação, com a preferência de algumas espécies vegetais e animais em detrimento de outras. Assim, por exemplo, entre centenas de variedades de batatas existentes, o McDonald's emprega apenas duas [...] Como o McDonald's logo tornou-se o primeiro comprador mundial de batatas (e também de peixe e de frango), nós podemos bem imaginar as conseqüências que a escolha de uma cultura acarreta para as outras. (RIAL, 1995, p. 10).

Super size me: a dieta do palhaço

Este documentário, mesmo debruçando-se sobre um problema tipicamente norte-americano, que apesar de peculiar não é estranho a nenhum país que já possua em sua internalidade territorial um *fast-food* do gênero MacDonald's. Assim, o documentário "Super Size Me: A dieta do palhaço" foca-se no atual problema na qual se constitui a alimentação "contemporânea" de uma sociedade globalizada e cada vez mais centrada no tempo, norteadas por imagens e signos, pela tranquilidade que representa a alimentação em grande parte padronizada, guardando singularidade para com as peculiaridades da culinária e costumes locais¹. Também, influência do próprio conhecimento daquilo que se está vindo a consumir, até mesmo, quando se trata da estrutura física que, afinal, também perfaz a própria questão do consumo, sem esquecer ainda o próprio poder aquisitivo da população².

[...] o consumidor num *fast-food* come signos de um modo de vida - moderno, americano - mais do que alimentos. Como nunca antes, os *fast-foods* apostaram na força das imagens visuais: foram os primeiros restaurantes a anunciarem em publicidade e estão entre os maiores anunciantes, o McDonald's sendo a empresa que mais investe em publicidade no mundo [...] Também nesses casos, é uma cultura visual que é valorizada. Come-se o hambúrguer verdadeiro olhando-se para sua imagem fotográfica: maior, mais colorida e mais apetitosa do que o hambúrguer real. Isso é central na compreensão dos *fast-foods* como um fenômeno de alcance global, que ultrapassa com facilidade as fronteiras lingüísticas. (RIAL, 1995, p. 94).

¹ Rial (1995, p. 96): O horário, a composição, a sequência dos pratos são elementos que variam evidentemente de uma cultura a outra. Em certos países, a diferença entre uma colação e uma refeição se restringe a presença ou ausência de alguns pratos, especialmente um alimento de base...

² Rial (1995, p. 95): ...Em princípio o indivíduo das sociedades modernas pode escolher um alimento do mesmo modo que escolhe uma vestimenta. Cada grupo, tendo em conta as disponibilidades econômicas e o estilo de vida, compõe um conjunto de produtos para seu consumo.

Portanto, ainda nesse sentido, o presente documentário exprime uma massiva e crescente revelação de casos de obesidade oriundos de problemas no âmbito dos hábitos alimentares que vêm a assolar não só os Estados Unidos, mas também grande parcela das sociedades europeias e outros tantos centros urbanos em que tais redes *fast-foodianas* se instalaram.

Trata-se, portanto, não somente de enfatizar a problemática, mas também de buscar respostas quanto ao problema na qual se constitui o *fast-food*, nesse caso o MacDonald's.

Ao abordar tais questões, aponta-se as indústrias alimentícias enquanto elementos de criação de mecanismos capazes de ludibriar e viciar direta, ou ainda que indiretamente, uma relevante parcela de seu público alvo, na qual as crianças compõem talvez a maior delas. Essas compõem uma parcela não somente relevante, como também fiel, na qual alguns souvenirs contemplam o desejo por tal produto mesmo quando o paladar não o faça-se enquanto elemento principal do que está sendo ofertado, o hambúrguer.

É evidente que, apesar do assunto ter abrangência incalculável, o diretor prefere apontar todas as suas armas para o maior representante do comércio *fast food* do mundo, o McDonald's. Existe certo divagar acerca das causas e/ou consequências oriundas de um consumo exacerbado de tal alimento, não existe aqui um determinismo maquiavélico, nem tampouco uma visão tênue acerca da mercadoria hambúrguer. As principais temáticas que merecem todos os méritos dizem respeito à ofensividade das entrevistas efetuadas com dirigentes do alto escalão das empresas, sempre utilizando-se de uma “dose” de humor negro nas mesmas.

Contudo, o fator de maior êxito no filme e que merece destaque aparece no momento em que se evidenciam os malefícios de se comer apenas *fast-foods* por um período de um mês inteiro, na qual o documentário busca debater a relação desse hábito alimentar para com a obesidade, cumprindo para com tarefas aparentemente traçadas, tais quais: alertar, demonstrar e informar o quanto esses produtos afetam o corpo, o perfil e, não raras vezes, a saúde; remetendo à camuflagem das imagens e publicidades por trás de palavras maquiadas e dúbias, nas quais comumente faz-se trocadilhos de funções até mesmo orgânicas para efetuar tais explicações.

[...] os panfletos alimentares do McDonald's transformam as “calorias” em “energias” e, nos Estados Unidos, a cadeia convida seu pessoal a utilizar as palavras “cozido” e “cozimento” ao invés de “frito” e “fritura”, estes tendo adquirido conotações perigosas, ainda o processo de preparação dos “pratos” não foi em nada alterado. (RIAL, 1995, p. 102 - 103).

Resgata-se, por fim, o que provavelmente tenha o filme de mais importante, distante de ideologismos, o mesmo debate um elemento, aliás, um fato simplesmente indiscutível: comer *fast-food* faz mal e isso ninguém questiona. Porém, essa é se não a única, mas, com certeza, a maior aprovação pela qual os *fast-foods* foram colocados a crivo enquanto questionamento referente às consequências físicas geradas no conjunto da população consumidora. Essa grande influência é construída através do chamado “marketing de guerra”, muito bem realizado pelas empresas alimentícias. A comercialização de produtos questionáveis do ponto de vista calórico põe em xeque a saúde de várias vidas ao redor do mundo, principalmente em território norte-americano, que são seus maiores consumidores.

É dessa forma que os elementos presentes nesse filme, que tão caracteristicamente perfazem (ou cercam) a estrutura a qual esse filme diz respeito, contemplam as seguintes temáticas contemporâneas da sociedade global tão bem introduzidas pelo filme “Adeus, Lênin”:

O modo alimentar de uma época é consoante com suas outras dimensões sociais e com a identidade dos seus indivíduos. A alimentação contemporânea nas grandes cidades (lugares preferenciais de instalação dos *fast-foods*) não poderiam, em nome de uma nostalgia, se manter dentro das mesmas estrutura da antiguidade: uma época de velocidade, de aceleração do tempo, demanda uma alimentação rápida [...] Aproveitando

um trocadilho de Fischler, poderíamos dizer que não estamos apenas diante de uma gatro-anomia que substitui a gastronomia anterior, pois novas regras (nomos) de alimentação se constroem ao lado do comer fast-foodiano e doutrinas alimentares rígidas como o vegetarianismo, a macrobiótica, dietas sem carne ou derivados, etc ganham espaços. Não se trata de abordar a mudança apenas do ponto de vista dos elementos que preenchem uma determinada estrutura e, diante da constatação de lacunas, lamentarmos essa desestruturação, não estamos diante da simples alteração de elementos, apropriada estrutura foi alterada. Trata-se de perceber novas estruturas ao invés de ausência de estrutura. (RIAL, 1995, p. 103).

Considerações finais

Podemos, com os vídeos abordados, refletir sobre a sociedade de consumo que impõe sua sistemática atuação também aos gêneros alimentícios, transformando-os em fetiches consumistas extravasados pela mídia e seu “marketing terrorista”. A importância de uma dieta equilibrada e sustentável é ignorada pelas grandes transnacionais que exploram o setor numa busca constante por novos mercados, em que o lucro justifica tudo, incentivando, dessa forma, a segregação espacial e social das regiões. A ideia de uma alimentação saudável é posta em segundo plano, sendo que, em muitas vezes, o debate fica a cargo de Organizações Não Governamentais (ONG’s) e movimentos sociais, como exemplo o debate sobre os *show foods* (práticas saudáveis de alimentação) que infelizmente perde a disputa contra as grandes transnacionais detentoras do poder midiático.

A importância do debate serve também para refletirmos as atuais crises alimentares em que o “mundo subdesenvolvido” é rotulado de culpado pela baixa produtividade de alimentos. Entretanto, o que se deve realmente discutir é o excesso de desperdício dos países desenvolvidos no que se refere a alimentos, com destaque aos EUA e suas diversas redes de *fast foods* responsáveis pelas altas taxas de desperdícios de alimentos e de obesidade mórbida de sua população. Percebemos que enquanto uma população absorver quantidades calóricas muito superiores ao necessário para sua alimentação diária, outros países (os quais muitos são fornecedores de produtos alimentícios) enfrentam a subnutrição de sua população de forma sintomática. O que deve ser combatida é a lógica consumista geradora de segregação social.

São questões latentes como essas que passam despercebidos no nosso dia a dia. Sempre que enfrentarmos uma crise alimentar, devemos analisar com cuidado os atores políticos e econômicos responsáveis, evitando absorver sem uma devida reflexão o que as grandes empresas midiáticas nos impelem.

Referências bibliográficas:

BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 1999.

CONTRERAS, H., J.; GRACIA, A. M. Alimentación, “cocina” e identidad cultural. In: **Alimentación y cultura: perspectivas antropológicas**. Barcelona: Ariel, 2004.

FIREMAN, C. **Adeus, Lênin**. Cineplayers, 2004. Disponível em: <<http://www.cineplayers.com/critica.php?id=397>>

JABOR, A. **Amor é prosa sexo é poesia**. Crônicas afetivas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. 16 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

IANNI, O. **Teorias da globalização**. RJ: Civilização Brasileira, 1995.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

MINTZ, S. W. Comida e antropologia: uma breve revisão. **Revista brasileira de ciências sociais**. São Paulo, 16(47), p. 31-41, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n47/7718.pdf>>

RIAL, C. da S. M. Os fast-foods uma homogeneidade contestável na globalização cultural. In: **Horizontes antropológicos - diferenças culturais**. Porto Alegre: PPGAS/UFSC, 1995. p. 140 - 180.

_____. Fast-foods: a nostalgia de uma estrutura perdida. In: **Horizontes antropológicos**. Porto Alegre: PPGAS, 1995. p. 94 - 103.

ROCHA, E. Totem e consumo: um estudo antropológico de anúncios publicitários. **Alceu**, Rio de Janeiro, 1(1), p. 18-37, 2000. Disponível em: <http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n1_Everaldo.pdf>

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. 5ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania**. São Paulo: Publifolha, 2002.

_____. **Pensando o espaço do homem**. 5ª ed. São Paulo: EDUSP, 2007b.

_____. **O espaço do cidadão**. 7ª ed. São Paulo: EDUSP, 2007.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 13 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. SILVEIRA, M. L. **O Brasil**. território e sociedade no início do século XXI. São Paulo: Record, 2003.

VESENTINI, J. W. **Imperialismo e geopolítica global**. Campinas: Papyrus, 1990.

VIZENTINI, P. F. **A nova ordem global: relações internacionais no século 20**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.